

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE

DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE
RESUMO
A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO O QUE É ENSINO? METODOLOGIAS DE ENSINO METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO
AULA 2 INTRODUÇÃO METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS
AULA 3 INTRODUÇÃO METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS
AULA 4 INTRODUÇÃO CULTURA DIGITAL APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO
AULA 5 INTRODUÇÃO EDUCAÇÃO INCLUSIVA O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- ABREU, J. R. P. de. Contexto atual do ensino médico: metodologias tradicionais e ativas – necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- VAN ZANTEN, A. (Coord.). Dicionário de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SOUZA, C. da S.; IGLESIAS, A. G.; PAZIN-FILHO, A. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. Medicina, v. 47, n. 3, p. 284-292, 2014.

DISCIPLINA:

PROJETOS E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

RESUMO

Estamos diante de uma nova cultura educacional decorrente do surgimento das tecnologias digitais, que se aprimoram cada vez mais. Elas possibilitam acesso à informação e permitem remodelar formas de pensar e de obter conhecimento. Assim, novas maneiras de aprendizado podem ocorrer devido às facilidades de acesso à informação, permitindo que conhecimentos sejam construídos em grupos e possam ser compartilhados com todos (Bacich; Neto; Trevisani, 2015). Com as diversas possibilidades tecnológicas, o desafio dos educadores gira em torno de como organizar as aulas e ministrar conteúdos que estão em movimento.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

CONCEITOS INICIAIS: TECNOLOGIA

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A UMA NOVA CULTURA DE PERSONALIZAÇÃO DO ENSINO E A SALA DE AULA INOVADORA

POR QUE INOVAR NA EDUCAÇÃO?

AULA 2

APRENDIZAGEM ATIVA

ABORDAGENS ATIVAS PEER INSTRUCTION (AVALIAÇÃO POR PARES)

ABORDAGENS ATIVAS, SALA DE AULA INVERTIDA E MOVIMENTO MAKER

ABORDAGENS ATIVAS DESIGN THINKING (DT)

AULA 3

INTRODUÇÃO

APRENDIZAGEM IMERSIVA

ABORDAGENS IMERSIVAS, REALIDADE VIRTUAL E REALIDADE AUMENTADA

ABORDAGENS IMERSIVAS - SIMULAÇÕES DE COMPUTADOR

ABORDAGENS IMERSIVAS - GAMIFICAÇÃO

AULA 4

INTRODUÇÃO

A MENTALIDADE ÁGIL NA APRENDIZAGEM

ABORDAGENS ÁGEIS: PROGRAMAÇÃO EXTREMA (EXTREME PROGRAMMING – XP)

ABORDAGENS ÁGEIS: SCRUM

ABORDAGENS ÁGEIS: KANBAN

AULA 5

INTRODUÇÃO

ANALÍTICA DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM ADAPTATIVA

COMPUTAÇÃO COGNITIVA

MACHINE LEARNING

AULA 6

INTRODUÇÃO

PROJETOS E INICIATIVAS INOVADORAS

PAPEL E DESAFIO DO PROFESSOR

COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES NO SÉCULO XXI

E O FUTURO?

BIBLIOGRAFIAS

- BACICH, L. Ensino Híbrido: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2016. p. 679-697. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/6875/4753>.
- BACICH, L.; MORAN, J. M. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. Revista Pátio, v. 17, n. 25, p. 45-47, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2015/07/hibrida.pdf>.
- BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. de M. Ensino híbrido. Porto Alegre: Penso, 2015. Disponível em: http://moodlehomologacao.ead.ifsc.edu.br/pluginfile.php/150942/mod_book/chapter/9542/educacao%20hibrida%20-%20capitulo%202.pdf.

DISCIPLINA:

ESTÉTICA DA ARTE

RESUMO

Quando falamos em ensino de arte, temos de ficar atentos para as diversas modalidades no qual ele pode estar inserido. Ele pode ser realizado em um ateliê, onde os alunos buscam por conhecimentos específicos e apontados por eles mesmos, ou são atraídos por propostas prévias feitas pelo instrutor – no caso, o professor. Esse ensino também pode ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos são matriculados desde a infância e recebem conhecimentos sobre arte embasados em documentos e materiais didáticos que norteiam o fazer artístico-pedagógico de seus professores. A questão é: qual a diferença entre esses dois meios descritos? Uma divisão bem abrangente divide esses dois modos de ensinar arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SOBRE A ARTE NA ESCOLA
DOCUMENTOS PÚBLICOS EMBASADORES
TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL OS PRIMEIROS PASSOS
A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E FATOS POSTERIORES
O MOVIMENTO DE ARTE MODERNA E FATOS POSTERIORES

AULA 2

PARÂMETROS NACIONAIS PARA O ENSINO DA ARTE
BNCC: COMPETÊNCIAS
BNCC: OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES
O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE
A ARTE COMO LINGUAGEM

AULA 3

ARTE E COTIDIANO
A ABORDAGEM TRIANGULAR
A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE
ESCOLA: UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO
RAZÕES PARA ENSINAR ARTE NA ESCOLA

AULA 4

ARTES VISUAIS: ABORDAGENS E METODOLOGIAS
OBRAS DE ARTE NA SALA DE AULA
ARTES VISUAIS: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
A MÚSICA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
MÚSICA: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS

AULA 5

A DANÇA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
O TEATRO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
BNCC: ARTES INTEGRADAS
ARTES VISUAIS: PROPOSTAS DE INTERAÇÃO COM DANÇA E TEATRO
A AVALIAÇÃO EM ARTE

AULA 6

A ESCOLA INCLUSIVA
A BNCC DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CEGOS
A SOCIEDADE PESTALOZZI, A APAE E OUTRAS INSTITUIÇÕES
A ARTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO EDUCADOR

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 agosto de 1971. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 ago. 1971.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DISCIPLINA
CINEMA NA EDUCAÇÃO
RESUMO
Para abordarmos melhor as muitas finalidades da utilização do cinema na educação, procuramos trazer nesta disciplina um embasamento reflexivo acerca da educação e de alguns dos grandes desafios que esta enfrenta diariamente em nosso país, independentemente de localidade ou faixa etária.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO A APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE E OS DESAFIOS O ALUNO DO SÉCULO XXI A APRENDIZAGEM FORMAL E INFORMAL O PROFESSOR DO SÉCULO XXI
AULA 2 INTRODUÇÃO CULTURA DE MASSA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA CULTURA E EDUCAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO
AULA 3 INTRODUÇÃO AS NOVAS TECNOLOGIAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO A MOTIVAÇÃO DO ALUNO E A DIVERSIDADE DE OPÇÕES DE APRENDIZAGEM DIDÁTICA TÉCNICA E MARCA PESSOAL DE ENSINO A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
AULA 4 INTRODUÇÃO O RECURSO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO O DESAFIO DO PRAZER E DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM A ARTE DO CINEMA E SEU USO NA EDUCAÇÃO A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A FAVOR DA APRENDIZAGEM
AULA 5 INTRODUÇÃO A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DA METODOLOGIA PARA O TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA BENEFÍCIOS PRÁTICOS PARA A APRENDIZAGEM NO TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DE FILMES NO TRABALHO EM SALA DE AULA PREPARAÇÃO GERAL PARA ATIVIDADES COM FILMES EM SALA DE AULA
AULA 6 INTRODUÇÃO

FILME TEMPOS MODERNOS (CHARLES CHAPLIN, 1936), POR NEPOMUCENO (2018)
FILME VILLA-LOBOS – UMA VIDA DE PAIXÃO (ZELITO VIANNA, 2000), POR MARCOS NEPOMUCENO (2015)
FILME OS DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM (J. P. HOGAN, 2009), POR THIEL E THIEL (2009)
FILME AO MESTRE COM CARINHO (JAMES CLAVELL, 1967), POR BRANDÃO (2011)
FILME QUEBRANDO A BANCA (ROBERT LUKETIC, 2008), POR COELHO (2015)

BIBLIOGRAFIAS

- BEHRENS, M. A. O paradigma emergente e a prática pedagógica. Curitiba: Champagnat, 2003.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DISCIPLINA:

CORPO, DANÇA, EXPRESSÃO E MOVIMENTO

RESUMO

Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONCEPÇÃO DE CORPO
ANATOMIA E FISILOGIA HUMANA
MOTRICIDADE HUMANA
CORPO E CULTURA

AULA 2

INTRODUÇÃO
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS
IDADE MÉDIA
CORTES EUROPEIAS E BALLET CLÁSSICO
DANÇA MODERNA

AULA 3

INTRODUÇÃO
DANÇA CONTEMPORÂNEA
A DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL

AULA 4

INTRODUÇÃO
OS DOCUMENTOS OFICIAIS
LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

AULA 5

INTRODUÇÃO
LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS
REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES
REFLEXÕES DE MARCIA STRAZZACAPPA
REFLEXÕES DE GISELE ONUKI

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONCEITOS DE VIDEODANÇA
CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA
ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- MARQUES, I. A. Linguagem da dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.
- OSSONA, P. A educação pela dança. São Paulo: Summus, 1988.
- SANTAELLA, L. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DISCIPLINA:

LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

RESUMO

O cinema é arte que fascina o homem desde sua criação, há mais de 120 anos. A arte cinematográfica passou por muitas mudanças ao longo do tempo, e aqui abordaremos especialmente seus primórdios.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
A CRIAÇÃO OFICIAL DO CINEMA
O CINEMA-ESPETÁCULO
DO CINEMA ARTESANAL AO CONCEITO DE CINEMA INDUSTRIAL
O INÍCIO DO CINEMA EM OUTROS PAÍSES

AULA 2

INTRODUÇÃO
A SENSÇÃO DE "REALIDADE" DO CINEMA
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
A SEMIÓTICA APLICADA À LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
A IDEOLOGIA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

AULA 3

INTRODUÇÃO
OS DIFERENTES ÂNGULOS DE CÂMERA E SEUS EFEITOS
PLANO
CAMPO
RITMO

AULA 4

INTRODUÇÃO
CONTINUIDADE
MONTAGEM
MISE EN SCÈNE
ATORES

AULA 5

INTRODUÇÃO
A CHEGADA DO CINEMA "FALADO"
O SOM E SUAS VERTENTES NO CINEMA
A COR NO CINEMA
A LUZ NO CINEMA

AULA 6

INTRODUÇÃO
OS GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS
ROTEIRO
ENREDO
ESTILO E ORIGINALIDADE DOS CINEASTAS

BIBLIOGRAFIAS

- TOULET, E. O cinema, invenção do século. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Objetiva, 1988.
- ROSENFELD, A. Cinema: arte & indústria. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- SABADIN. C. Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo. São Paulo: Lemos Editorial, 1997

DISCIPLINA:

FILOSOFIA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS

RESUMO

Nesta disciplina abordaremos a legislação educacional do Brasil, numa perspectiva crítica da natureza das leis e do planejamento da educação brasileira na atual conjuntura. Alguns importantes conceitos serão trabalhados sobre a democratização da educação básica, como funcionam os sistemas de ensino, bem como a legitimidade dos planos em nível nacional, referentes às políticas educacionais, considerando, nesse contexto, a atuação do Ministério da Educação (MEC) como parte do aparelho de Estado.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: NATUREZA DAS LEIS E NORMAS COMPLEMENTARES
SISTEMAS DE ENSINO: ENSINAR E APRENDER GESTÃO DA EDUCAÇÃO
REGULAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS
RELAÇÕES ENTRE UNIÃO, ESTADOS E MUNICÍPIOS

AULA 2

INTRODUÇÃO
TRABALHO PEDAGÓGICO NO ÂMBITO EDUCACIONAL

FORMAS DE INTERVENÇÃO DO ESTADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: PERSPECTIVA CRÍTICA E CONCEITOS FUNDANTES
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) – LEI N. 8.069/1990 E SEUS DESDOBRAMENTOS EM DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA
FORMAÇÃO OMNILATERAL NA EDUCAÇÃO

AULA 3

INTRODUÇÃO
APLICAÇÃO DA LDB NA EDUCAÇÃO BÁSICA: GESTÃO DEMOCRÁTICA EM CONSTRUÇÃO
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LDB: PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA
ENSINO FUNDAMENTAL NA LDB9394/96
LEI N. 13.415/2017 - O “NOVO” ENSINO MÉDIO

AULA 4

INTRODUÇÃO
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB): LIMITES E AVANÇOS
DISPOSITIVOS LEGAIS DA LDB 9394/96 RELATIVOS À AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
AVALIAÇÃO EM GRANDE ESCALA: AÇÕES DO MEC, DAS SMES, DAS SEEDS
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA EMANCIPADORA

AULA 5

INTRODUÇÃO
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (PDE): BASES DE SUSTENTAÇÃO
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO: COMO PROCEDER?
METAS DO PNE 2014/2024: ENTRE A POSSIBILIDADE E A REALIDADE
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PNE 2014/2024: RESISTÊNCIA E CONTRADIÇÕES NA ESFERA DA POLÍTICA EDUCACIONAL

AULA 6

INTRODUÇÃO
BNCC PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS A PERCORRER
OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA NA BNCC: ESTRUTURA E PROPÓSITOS
A BNCC PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: CONCEPÇÕES, LIMITES CONCEITUAIS E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTORICAMENTE SISTEMATIZADO
BNCC - RESOLUÇÃO N. 04/2018: PERCURSO DE CONSTRUÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- AGESTA, L. S. Sistema político. In: SILVA, B. (Coord.). Dicionário de ciências sociais. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1986.
- SILVA, D. N. Populismo. História do Mundo, [S.d.]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/populismo.htm>.
- SAVIANI, D. Educação brasileira: estrutura e sistema. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

DISCIPLINA:

FUNDAMENTOS DO ENSINO DAS ARTES

RESUMO

Estudo de tópicos fundamentais da História da Arte no Brasil com abordagem interdisciplinar, envolvendo aspectos históricos, sociológicos e artísticos, considerando o período que abrange desde a Pré-História (arte pré-colonial) até nossos dias. Competências: reconhecer a arte como sistema cultural; estudar a arte como fenômeno social; identificar o papel das instituições artísticas e culturais para a configuração do campo artístico no Brasil; apresentar artistas e obras da arte brasileira. Habilidades: conhecer as produções e os diferentes momentos da arte no Brasil; identificar aspectos da arte desde o período pré-colonial até a contemporaneidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CAVERNAS E DESENHOS
A PINTURA CORPORAL INDÍGENA
CERÂMICA INDÍGENA
OS VIAJANTES HOLANDESES EM BELAS PAISAGENS
IMAGINÁRIO DA FAUNA E DO INDÍGENA

AULA 2

OS ANTECEDENTES EUROPEUS
O BARROCO DE CADA REGIÃO DO BRASIL: PARTICULARIDADES
AS IGREJAS BAIANAS
IGREJAS MINEIRAS
GRANDES MESTRES

AULA 3

MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL
VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL: JOHANN MORITZ RUGENDAS
ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: PROMOÇÃO POLÍTICA E POSSIBILIDADE DE CRÍTICA
ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: REFORMA E OUSADIA
APROXIMAÇÕES COM O MODERNO

AULA 4

A IMPORTÂNCIA DE UMA ARTE NACIONAL: VICENTE DO REGO MONTEIRO
O ÁPICE MODERNISTA EM SÃO PAULO
O ÁPICE MODERNISTA NO RIO DE JANEIRO?
OSWALDO GOELDI
ECOS MODERNISTAS NO PARANÁ

AULA 5

NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTO POLÍTICO E SENSIBILIDADE ARTÍSTICA
SÃO PAULO E A URBANIZAÇÃO
A CRIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO
INSTITUIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS - A BIENAL DE 1951
OS ABSTRATOS

AULA 6

NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS: O VÍDEO E O MAC-USP

DESMATERIALIZAÇÃO E CONCEITUALISMO NEOCONCRETISMO ARTE E ENGAJAMENTO GRAFITE E A RELAÇÃO SOCIAL COM A CIDADE
BIBLIOGRAFIAS
<ul style="list-style-type: none">• Virtual Camões – Instituto Camões. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/carla_mary_oliveira.pdf.• TIRAPELI, P. Arte Brasileira: Arte Indígena do Pré-colonial à contemporaneidade. Col. Arte Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 2006.• ZANINI, W. Duas décadas difíceis: 60 e 70. In.: AGUILAR, Nelson (org.). Bienal Brasil século XX. Catálogo de Exposições. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.
DISCIPLINA: ARTE E CULTURA
RESUMO
O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o tema e valorizando tanto a diversidade quanto as dimensões populares das culturas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA ETNOCENTRISMO RELATIVISMO E ALTERIDADE CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR
AULA 2 IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL O NACIONAL E O LOCAL AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO
AULA 3 CULTURAS MUNDIALIZADAS CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO PATRIMÔNIO IMATERIAL MESTRES E MESTRAS
AULA 4 ARTE OU ARTESANATO? A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR

MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS
PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
RELATOS DE CAMPO
O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6

NARRATIVAS POPULARES: MITOS
NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
A ARQUITETURA POPULAR
A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- AYALA, M.; AYALA, M. I. Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática, 1987.
- BENEDICT, R. O Crisântemo e a espada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

DISCIPLINA:

IMAGEM E CULTURA VISUAL

RESUMO

Neste material serão abordados teorias contemporâneas da percepção visual relacionadas à criação artística; conceitos introdutórios acerca da teoria da Gestalt e sua relação com as Artes Visuais; percepção visual e fundamentos teóricos da cor; Neurociência e relação entre ciência e arte; filosofia da percepção; outras abordagens da percepção visual; desdobramentos artísticos da ilusão de ótica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE É PERCEPÇÃO VISUAL?
OLHO E PERCEPÇÃO VISUAL
SEGUNDA PARTE DO PROCESSO PERCEPTIVO: OS NERVOS E O CÉREBRO
ASPECTOS CULTURAIS DA PERCEPÇÃO VISUAL
VISÃO E PERCEPÇÃO VISUAL: UM EXEMPLO

AULA 2

ANTECEDENTES HISTÓRICOS
TEORIA GESTALT: PSICOLOGIA DA FORMA
LEIS E PRINCÍPIOS DA GESTALT
GESTALT E PRODUÇÃO VISUAL
TEORIA ECOLÓGICA DA PERCEPÇÃO

AULA 3

O QUE É REPRESENTAÇÃO?
TECNOLOGIAS DE REPRESENTAÇÃO
REPRESENTAÇÃO E REALIDADE

REALISMO NAS ARTES MANUAIS
REALISMO E IMAGENS TÉCNICAS

AULA 4

ABSTRAÇÃO COMO SISTEMA REPRESENTATIVO
CONDIÇÕES PARA A ILUSÃO
ABSTRAÇÃO E ILUSÃO
REALISMO E ILUSÃO
ILUSÃO NAS ARTES VISUAIS

AULA 5

OLHANDO CORES
PERCEBENDO CORES
CULTURA E PERCEPÇÃO CROMÁTICA
ILUSÕES DA PERCEPÇÃO CROMÁTICA
TCOR E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

AULA 6

DA VINCI E A PERSPECTIVA ARTIFICIAL
ESCHER E A QUEBRA DA PERSPECTIVA
JESÚS RAFAEL SOTO E A OP ART
TOMIE OHTAKE E A PERCEPÇÃO DA ABSTRAÇÃO
CLAUDIA ANDUJAR E A FOTOGRAFIA PARA ALÉM DO REAL

BIBLIOGRAFIAS

- HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MESSARI, Nizar. Teoria de Relações Internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg de. O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica. Revista Brasileira de Política Internacional, Vol.47, n.1, 2004. pp.185-187. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292004000100009>.

DISCIPLINA:

NOVAS LINGUAGENS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

RESUMO

Esta é uma disciplina dedicada à linguagem escrita em que abordaremos sua história, o papel do leitor e do autor no contexto digital e também as estruturas e características da escrita, importantes para a prática da produção textual. Você já pensou em quantos momentos de nosso cotidiano a escrita é essencial? Então já deve ter percebido que ela se adequa a cada situação de maneira diferente! Um belo exemplo é a persistência dos livros em uma época em que a Internet disponibiliza muitas maneiras bem mais “ágeis” de leitura, como o audiolivro. E não é somente a escrita que se adapta, mas também a própria linguagem em si! Se pensarmos no surgimento do latim vulgar e sua evolução para as muitas línguas românticas (entre elas o Português), isso fica evidente, mas antigamente, as pessoas não viam as línguas por suas particularidades e não havia ainda uma ciência que estudasse a língua.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
O QUE É CIBERCULTURA

AS LEIS DA CIBERCULTURA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
TECNOLOGIA
COMO A ESCOLA SE RELACIONA COM A TECNOLOGIA

AULA 2

INTRODUÇÃO
TECNOLOGIA PARA VOCÊ
OS PRIMEIROS COMPUTADORES E AS ONDAS DA INFORMÁTICA
AÇÕES DA POLÍTICA DE INFORMÁTICA NO BRASIL
CURSOS PREPARATÓRIOS PARA O PROFESSOR: FALHAS
TECNOLOGIAS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

AULA 3

INTRODUÇÃO
PROFESSOR: O FRACASSO DO PROJETO?
VOCÊ É UM PROFESSOR INCLUÍDO DIGITALMENTE?
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
QUAIS AS VELHAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?
MINHA ESCOLA NÃO TEM TECNOLOGIA, E AGORA?

AULA 4

INTRODUÇÃO
INFORMÁTICA NA ESCOLA: A PERSPECTIVA INSTRUCIONAL E A
CONSTRUCIONISTA
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NA ESCOLA
SOFTWARE EDUCACIONAL
A ESCOLHA DO SOFTWARE
REA (RECURSO EDUCACIONAL ABERTO)

AULA 5

INTRODUÇÃO
DEFINIÇÕES DE INTERNET
A PESQUISA NA INTERNET
APRENDER
AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM
POSSIBILIDADES NA REDE

AULA 6

INTRODUÇÃO
LETRAMENTO
LETRAMENTO DIGITAL
TECNOLOGIAS DE ESCRITA E LETRAMENTO
HIPERTEXTO
OS MECANISMOS DE PRODUÇÃO, REPRODUÇÃO E DIFUSÃO DA ESCRITA

BIBLIOGRAFIAS

- BRITO, G. S. PURIFICAÇÃO, I. Educação e novas tecnologias: um repensar. 2. ed. Curitiba: InterSaberes: 2015.

- LEMOS, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

DISCIPLINA:
EMOÇÃO, APRENDIZADO E MEMÓRIA

RESUMO

Parece haver consenso entre estudiosos e especialistas de que a emoção é um conceito complexo, sendo necessário compreender os elementos que a caracterizam e as teorias que a explicam para estudar que conexões têm nossas sensações com esta ou aquela região do cérebro. O avanço da neurociência em favor de um entendimento sobre a neurobiologia das emoções ainda apresenta muitas dúvidas, mas pesquisadores e teóricos têm fornecido subsídios importantes para que se tenha, mesmo que ainda incipiente, um modelo para entender as emoções.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
DEFININDO A EMOÇÃO
COMPONENTES DA EMOÇÃO
TEORIAS DA EMOÇÃO
NEUROANATOMIA DA EMOÇÃO

AULA 2

INTRODUÇÃO
O PAPEL DA EMOÇÃO NA MEMÓRIA E NO APRENDIZADO
A INTEGRAÇÃO COGNIÇÃO-EMOÇÃO E MEMÓRIA-APRENDIZADO
AVALIAÇÃO DA EMOÇÃO
EFEITOS DAS EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
INTELIGÊNCIA SOCIAL
AUTOCONSCIÊNCIA
AVALIAÇÃO DOS ESTILOS EMOCIONAIS

AULA 4

INTRODUÇÃO
ADAPTAÇÃO SOCIAL
EMPATIA
MANIFESTAÇÃO DAS EMOÇÕES
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

AULA 5

INTRODUÇÃO
PERCEPÇÃO E JULGAMENTO
ATENÇÃO
MEMÓRIA
INTERAÇÕES COGNITIVO-EMOCIONAIS

AULA 6

INTRODUÇÃO

ELEMENTOS COGNITIVO-EMOCIONAIS NA RESILIÊNCIA

RESILIÊNCIA EM CONTEXTOS NEGATIVOS

NEUROBIOLOGIA DA RESILIÊNCIA

DESENVOLVENDO A MENTE RESILIENTE

BIBLIOGRAFIAS

- Clínica, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 55-65, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v35n2/a03v35n2>.
- WEITEN, W. Introdução à psicologia: temas e variações. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- WRIGHT, J. H; BASCO, M. R.; THASE, M. E. Aprendendo a terapia cognitivo comportamental: um guia ilustrado. Porto Alegre: Artmed, 2008